Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

RESSIGNIFICANDO O HABITAR COLONIAL: PRÁTICAS VISUAIS E NARRATIVAS DE MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHOTINHA, SC

RE-SIGNIFYING THE COLONIAL INHABITATION: VISUAL AND NARRATIVE PRACTICES OF THE RESIDENTS OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF ILHOTINHA, SC

RESIGNIFICANDO EL HABITAR COLONIAL: PRÁCTICAS VISUALES Y NARRATIVAS DE LOS MORADORES DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA ILHOTINHA, SC

Tainá Candido
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma/SC, Brasil

Viviane Kraieski de Assunção
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma/SC, Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar como as representações fotográficas e textuais, produzidas por moradores de uma comunidade quilombola, atuam como práticas discursivas que desafiam as narrativas hegemônicas sobre a paisagem e os territórios quilombolas, enquanto constroem um espaço de produção de conhecimento. A partir dessas representações, busca-se entender como a comunidade ressignifica seu território e identidade, reafirmando-se como produtora de saberes e resistindo ao apagamento histórico. O estudo propõe uma nova interpretação da paisagem, que reflete as experiências e memórias vividas pelos moradores. A pesquisa adota a fotoetnografia (Achutti, 1997) e a escrevivência (Evaristo, 2020) como abordagens metodológicas, considerando as imagens e textos como registros das memórias, vivências e saberes da comunidade. O foco está nas imagens e suas legendas, que se configuram como práticas discursivas que questionam as narrativas dominantes sobre a cidade e os territórios quilombolas, evidenciando um processo de resistência cultural e problematizando as dinâmicas do habitar colonial (Ferdinand, 2022). Para Agier (2015), esse processo exemplifica o fazer-cidade, em que moradores transformam o espaço urbano em território de luta, memória e pertencimento. Os moradores constroem narrativas visuais e textuais que ressignificam a paisagem quilombola, transformando-a em um espaço dinâmico permeado por memórias e afetos, fortalecendo sua autonomia sobre a representação territorial e identitária.

Palavras-chave: Fazer-cidade. Antropologia das margens. Resistências.

CANDIDO, Tainá; KRAIESKI DE ASSUNÇÃO, Viviane. RESSIGNIFICANDO O HABITAR COLONIAL: PRÁTICAS VISUAIS E NARRATIVAS DE MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHOTINHA, SC. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-25, Outubro, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Abstract

This article aims to analyze how photographic and textual representations produced by residents of a quilombola community act as discursive practices that challenge hegemonic narratives about the landscape and quilombola territories while constructing a space for knowledge production. Through these representations, the study seeks to understand how the community redefines its territory and identity, reaffirming itself as a producer of knowledge and resisting historical erasure. The study proposes a new interpretation of the landscape, reflecting the experiences and memories lived by the residents. The research adopts photoethnography (Achutti, 1997) and *escrevivência* (Evaristo, 2020) as methodological approaches, considering images and texts as records of the community's memories, experiences, and knowledge. The focus is on the images and their captions, which serve as discursive practices that question dominant narratives about the city and quilombola territories, highlighting a process of cultural resistance and problematizing the dynamics of colonial inhabitation (Ferdinand, 2022). According to Agier (2015), this process exemplifies *city-making*, in which residents transform urban space into a territory of struggle, memory, and belonging. The residents construct visual and textual narratives that re-signify the quilombola landscape, transforming it into a dynamic space filled with memories and affections, thereby strengthening their autonomy over territorial and identity representation.

Keywords: City-making. Anthropology of the margins. Resistances

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar cómo las representaciones fotográficas y textuales, producidas por habitantes de una comunidad quilombola, actúan como prácticas discursivas que desafían las narrativas hegemónicas sobre el paisaje y los territorios quilombolas, mientras construyen un espacio de producción de conocimiento. A partir de estas representaciones, se busca entender cómo la comunidad resignifica su territorio e identidad, reafirmándose como productora de saberes y resistiendo al borrado histórico. El estudio propone una nueva interpretación del paisaje, que refleja las experiencias y memorias vividas por los habitantes. La investigación adopta la fotoetnografía (Achutti, 1997) y la *escrevivência* (Evaristo, 2020) como enfoques metodológicos, considerando las imágenes y textos como registros de las memorias, vivencias y saberes de la comunidad. El enfoque está en las imágenes y sus leyendas, que se configuran como prácticas discursivas que cuestionan las narrativas dominantes sobre la ciudad y los territorios quilombolas, evidenciando un proceso de resistencia cultural y problematizando las dinámicas del habitar colonial (Ferdinand, 2022). Según Agier (2015), este proceso ejemplifica el *hacer-ciudad*, en el que los habitantes transforman el espacio urbano en un territorio de lucha, memoria y pertenencia. Los habitantes construyen narrativas visuales y textuales que resignifican el paisaje quilombola, transformándolo en un espacio dinámico permeado por

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

memorias y afectos, fortaleciendo así su autonomía sobre la representación territorial e identitaria.

Palabras clave: Hacer-ciudad. Antropología de los márgenes. Resistencias.

Introdução

A paisagem não é apenas um conjunto de elementos físicos visíveis, mas um registro das interações entre sociedade e espaço ao longo do tempo. Ela expressa tanto as heranças do passado quanto as ações do presente, sendo um testemunho das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldam o território. A paisagem carrega memórias do passado e influencia o presente, e deve ser analisada de maneira dinâmica, levando em conta as relações sociais que a moldam continuamente (Santos, 1998). Ela não é neutra, pois reflete as relações de poder, as desigualdades sociais e os modos de vida das populações que a habitam. Além disso, o modo como diferentes grupos percebem a paisagem está ligado à sua posição social e ao uso que fazem do espaço. Sobre isso, significativas são as palavras de Tuan (2011, p. 6) ao afirmar que “os traços topográficos da área são registros de 'quem esteve aqui e do que se fez aqui'. A paisagem é um arquivo e uma árvore genealógica.”

Neste artigo, buscamos explorar as representações de paisagens na Comunidade Quilombola Filhotinha, localizada no município de Capivari de Baixo, no sul do Estado de Santa Catarina, focando nas imagens e textos produzidos por seus moradores, com o objetivo de compreender como esses sujeitos constroem e vivenciam seus espaços. A Comunidade obteve a certificação quilombola em 2014 e, atualmente, está em processo de titulação de suas terras. Um dos desafios enfrentados pela Comunidade é o reconhecimento de seu território como quilombola - tanto por seus próprios habitantes quanto pela população da cidade. Neste sentido, compreendemos que as práticas visuais e narrativas da Comunidade podem contribuir para ressignificar o espaço, em um cotidiano marcado por tentativas de apagamento e desvalorização da memória ancestral, próprias do racismo. Sendo assim, questionamos: Como as representações visuais e textuais produzidas pelos moradores da Comunidade Quilombola Ilhotinha

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

contribuem para a ressignificação da paisagem quilombola e para a resistência aos processos de apagamento histórico e desvalorização da memória ancestral no contexto urbano-rural de Capivari de Baixo, Santa Catarina?

Partimos de uma abordagem antropológica da cidade que transcende definições normativas e a compreende como um espaço em constante construção e transformação, entendida como um fenômeno dinâmico movido por ações humanas e processos sociais. Nesse sentido, a cidade se constrói e se desconstrói continuamente, e o direito à cidade deve ser compreendido como uma luta cotidiana dos sujeitos que nela habitam (Agier, 2015).

Agier (2015) argumenta que a cidade é feita essencialmente de movimento, ou seja, os espaços periféricos não são estáticos, mas ativos na constituição da cidade. As práticas de ocupação, migração e autoconstrução são fundamentais para entender esse processo, pois revelam como os excluídos e marginalizados participam da construção urbana, criando novas formas de existência e resistência. Assim, a cidade se apresenta como um espaço de disputa e reinvenção constante, no qual o direito à cidade se concretiza pelo fazer-cidade.

A abordagem etnográfica adotada pelo autor permite compreender a cidade a partir de seus limites, seus espaços de exclusão e precariedade. Assim, o fazer-cidade emerge desses espaços marginais, onde os sujeitos reinventam modos de habitar e transformar o espaço urbano. Segundo ele, “a etnografia das margens ou dos limites é o método ideal para uma antropologia da cidade” (Agier, 2015, p. 487), pois permite observar os processos de criação e destruição da cidade em tempo real.

Nesse processo de reinvenção e transformação do espaço, a fotografia e a escrita tornam-se instrumentos de resistência e reafirmação de uma identidade quilombola que se sobrepõe às narrativas históricas de apagamento no município de Capivari de Baixo. Através de um olhar atento sobre essas representações, podemos entender como a memória coletiva e a experiência individual se entrelaçam na construção da paisagem, não apenas como um espaço físico, mas como um campo de significações.

Ao capturar e descrever imagens do cotidiano, os moradores têm a oportunidade de construir sua própria narrativa, que se distancia da construção

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

externa e colonizadora. Essas representações se tornam uma forma de contestação e resistência (Rodrígues, 2010; Zuluaga, 2008), especialmente diante das dinâmicas de poder que buscam minimizar ou apagar a presença dos quilombos no Brasil.

Caminhos teórico-metodológicos

A perspectiva etnográfica das margens, conforme proposta por Agier (2015), revela-se fundamental para compreender como os espaços de exclusão e precariedade se constituem como territórios de reinvenção e resistência urbana. No contexto da Comunidade Quilombola Ilhotinha, situada na zona liminar entre o urbano e o rural em Capivari de Baixo, a fotografia e a escrita emergem como práticas de fazer-cidade que desafiam as narrativas hegemônicas de apagamento histórico. Ao registrarem imagens do cotidiano e produzirem suas próprias legendas, os moradores constroem representações que transcendem a mera documentação visual, transformando-se em instrumentos de contestação às construções externas e colonizadoras sobre seu território.

Além da etnografia das margens, a metodologia adotada neste estudo também está ancorada na fotoetnografia (Achutti, 1997) e na escrevivência (Evaristo. 2020), conceitos que permitem compreender a produção de imagens e textos dos moradores como um ato de autoria e afirmação da identidade quilombola. A fotoetnografia, enquanto prática metodológica, possibilita um olhar mais sensível sobre a realidade local, enquanto a escrevivência, conforme proposta por Conceição Evaristo, permite evidenciar as narrativas construídas a partir da experiência vivida.

A escolha da abordagem da fotoetnografia se deve à sua capacidade de aproximar as narrativas visuais das vozes dos próprios sujeitos da pesquisa, permitindo uma compreensão mais profunda de suas experiências e da forma como elas são representadas. Para isso, foi realizada uma coleta de fotografias tiradas pelos moradores da comunidade quilombola, que, ao lado das imagens, produziram legendas que as contextualizam e as enriquecem com suas interpretações pessoais. Essas imagens e textos servem como fonte primária para

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

a análise, permitindo que a pesquisa dialogue diretamente com os registros produzidos pelos moradores.

As imagens e legendas analisadas neste artigo são um recorte da tese de doutorado de uma das autoras, cuja pesquisa teve como objetivo investigar como a contranarrativa construída a partir da experiência de Tinho, liderança na Comunidade Quilombola Ilhotinha, propõe uma epistemologia contracolonial. A produção do material foi realizada em articulação com o projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da comunidade. A partir da mediação da coordenadora pedagógica do projeto à época, foi feita uma proposta às professoras da turma, que convidaram os alunos — todos moradores da Comunidade Quilombola Ilhotinha — a registrarem, por meio da fotografia, aspectos significativos de seu cotidiano. Cada participante enviou à professora da turma sua fotografia acompanhada de uma legenda, construída a partir de sua própria vivência e percepção sobre o território. Essas legendas foram produzidas de forma autônoma pelos estudantes, integrando o gesto de fotografar ao de narrar, como práticas complementares de expressão e autoria. O único critério estabelecido para a organização do material foi que os estudantes deveriam enviar as fotografias acompanhadas de uma legenda à professora da turma; todas as imagens recebidas foram incluídas na análise. Todo o processo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, garantindo o respeito aos princípios éticos de consentimento livre e esclarecido, sigilo e preservação da identidade dos participantes.

Compreendemos que a narração fotoetnográfica, como afirma Achutti (2004), não deve se sobrepor a outras formas narrativas, mas ser valorizada em sua especificidade. O autor destaca que um conjunto de fotografias precisa ser apreciado com calma, permitindo que o olhar se envolva emocionalmente com as imagens, sem pressa. A proposta não é substituir o texto escrito, nem estabelecer uma competição entre texto e imagem, mas, sim, enfatizar que a associação entre diferentes formas narrativas, incluindo a fotografia, pode enriquecer significativamente os enunciados antropológicos. O texto, embora essencial, encontra na imagem uma possibilidade de ampliação, oferecendo uma outra dimensão para a compreensão das culturas e das experiências.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Já a escrevivência, conforme definida por Conceição Evaristo, é um conceito que considera a escrita como uma prática de resistência e afirmação cultural. Para as mulheres negras e para as comunidades quilombolas, escrever é um ato de se colocar no mundo, de afirmar sua existência e suas experiências. A escrita, nesse contexto, não é apenas um meio de registrar fatos, mas um meio de ressignificar e recontar histórias que foram marginalizadas ou esquecidas. Ao incorporar a escrevivência como uma prática de resistência, buscamos entender como os moradores da comunidade quilombola utilizam a escrita para afirmar sua identidade e sua relação com o território.

Para Evaristo (2020), escrever é uma maneira de não adoecer. Escrever, segundo a autora, é uma forma de sangrar, pois a vida é uma sangria desatada. Quando a escrita vem de uma posição de subalternidade, é uma escrita a partir de dentro. Uma possibilidade de indagar o mundo, inventar outro mundo, apresentar suas discordâncias. O texto nasce de um lugar, de um corpo, de uma experiência. Nasce de um corpo que carrega memórias, que representa muitos corpos, que é uma gramática insurgente. Nesse sentido, as legendas analisadas neste artigo podem ser vistas como uma forma de escrevivência, pois expressam as vozes dos moradores, suas trajetórias e percepções sobre o território em que vivem.

A escrevivência é, portanto, uma prática de autoafirmação que se traduz em um movimento de resistência contra as narrativas que tentam apagar as culturas negras e suas experiências. Ao incorporar esse conceito na análise das legendas das fotografias, buscamos compreender como os moradores se apropriam da escrita para narrar suas histórias e reafirmar seus saberes.

A paisagem quilombola, como espaço vivido, torna-se um ponto de encontro entre diferentes formas de saber: o visual, o oral e o escrito. Nesse sentido, a fotografia não apenas documenta a paisagem, mas também participa ativamente da sua ressignificação. Quando os moradores de um território registram seu ambiente por meio da imagem, eles selecionam o que é significativo para sua vivência, transformando a paisagem em uma narrativa visual que comunica identidade, memória e pertencimento. Dessa forma, a interação entre espaço, tempo e imagem evidencia como os sujeitos constroem e compartilham suas

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

experiências, tornando visíveis histórias e afetos que estruturam a relação entre lugar e cultura.

A inter-relação entre esses elementos permite uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e sociais que perpassam as comunidades quilombolas. Dessa maneira, as imagens capturadas pelos moradores e as narrativas que as acompanham são vistas como um potente mecanismo de resistência cultural, desafiando as visões hegemônicas sobre o espaço e o tempo. Entendemos que esse estudo permite também ampliar o olhar sobre as paisagens que se encontram numa zona liminar, aquelas situadas em um espaço de fronteira entre o urbano e o rural, como é o caso da Comunidade Quilombola Ilhotinha.

Narrativas visuais e escritas da paisagem quilombola

Figura 1 - Lago de Óleo



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

“Enquanto o progresso avança, a natureza e a comunidade sofrem. É hora de refletir sobre o impacto que deixamos para trás.”

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 2 - Campo e montanha na comunidade Ilhotinha



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

"Minha vista diária: árvores frutíferas ao alcance, com a majestosa montanha ao fundo, sempre lembrando a beleza simples da natureza."

Figura 3 - Estrada asfaltada da Comunidade



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

"No encontro de histórias e culturas: divisa entre os municípios e as comunidades de Indaial e Ilhotinha."

Figura 4 - Crianças indo à escola



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

"Onde o futuro começa."

Figura 5 - Prédio da antiga escola



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

"Meu olhar, meu lugar."

Figura 6 - Vista paisagem rural e urbana



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

"De um lado vejo a grandiosidade do nosso Quilombo com suas árvores majestosas. Ao fundo a cidade exalando fumaça de suas fábricas."

Figura 7 - Canteiro de ervas tradicionais



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

"As ervas tradicionais antes tinham uma variedade, hoje são poucas, este é hortelã do meu quintal que serve para muitas coisas, na minha infância era usado quando tínhamos dor de barriga."

Figura 8 - Quintal com pé de jabuticaba



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

"Este pé de jabuticaba me traz a lembrança de quantas árvores frutíferas havia em nossa comunidade, laranja, joão bolão, seriguela, ameixa, butiá, cana de açúcar, que também servia para fazer a cachaça, tomada nos engenhos quando varavam a noite na farinhada, esta pequena árvore sempre traz alguns frutos e me faz lembrar que é possível resgatar o que passou."

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 9 - Campo com bois pastando



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

“Tranquilidade no campo, onde o tempo passa no ritmo do vento e os gados desfrutam a serenidade do pasto.”

Figura 10 - Quintal com variedade de árvores



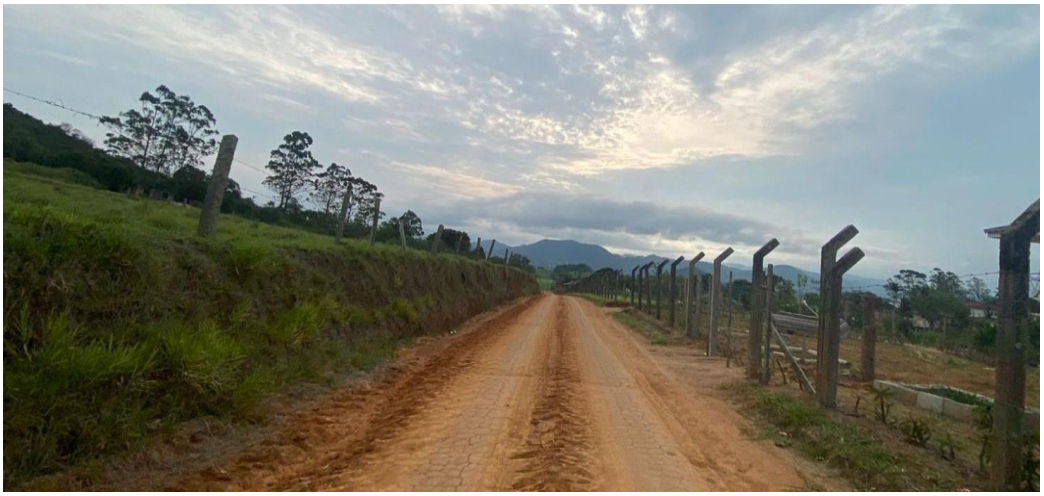
Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

"Meu espaço, meu lugar. Vivo com a natureza ao meu redor, e com o cantar dos pássaros a me alegrar. Amo minha comunidade."

Figura 11 - Estrada de chão batido da Comunidade



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

"Perdido na simplicidade da estrada, onde o horizonte encontra as montanhas e a liberdade se revela no caminho."

Figura 12 - Cabra pastando solta



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

“Aqui o tempo passa diferente. Há conexão, há presença.”

Figura 13 - Campo de futebol



Fonte: morador/a da Comunidade Quilombola Ilhotinha, 2024.

“Do outro lado da minha janela, vejo o campo onde as crianças da comunidade jogam futebol. O gramado é simples, sem grandes cuidados, mas para elas, é um lugar de liberdade e alegria. As risadas, os gritos de comemoração quando um gol é marcado, e a correria atrás da bola enchem o ambiente de vida. Mesmo sem chuteiras ou uniforme, elas jogam com o coração. Cada partida é cheia de energia, e até quem assiste, como eu, acaba se emocionando com a simplicidade e felicidade daquele momento. Esse campo, apesar de humilde, é um espaço onde as crianças vivem a infância de forma pura, aproveitando cada segundo com a intensidade que só elas têm.”

Encruzos e possibilidades das práticas visuais e narrativas

Com base na concepção de Milton Santos (1998), que vê a paisagem além de sua dimensão material, abarcando múltiplos aspectos, compreendemos a paisagem quilombola como um espaço dinâmico e multifacetado, no qual as relações sociais, culturais e históricas se expressam tanto simbolicamente quanto

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

na prática. As imagens produzidas pelos moradores, ao capturarem aspectos do seu cotidiano, tornam-se representações dessa paisagem vivida, não apenas como um local físico, mas como um espaço carregado de memória e identidade. A paisagem, assim, é constituída por um conjunto de significações que são constantemente recriadas e ressignificadas pelos sujeitos que nela habitam.

Conforme Santos (1998, p. 99), “a paisagem é um testemunho, uma herança dos tempos passados, mas também uma força ativa, porque impõe constrangimentos e sugere possibilidades”. Isso fica evidente, por exemplo, quando certas imagens e textos questionam as transformações do território, denunciando a invasão e a marginalização da comunidade. Esses aspectos se manifestam de maneira particularmente potente na imagem que denuncia o passivo ambiental que acomete a comunidade, ao registrar o lago de óleo que contamina o entorno e compromete a qualidade de vida local (Figura 1).

Em outra fotografia, o autor busca representar o quilombo e suas paisagens, contrapondo a beleza e a força do território à fumaça que se ergue da cidade ao fundo — uma metáfora visual para os impactos do progresso urbano sobre os modos de vida quilombolas (Figura 6). Há ainda a imagem do canteiro de ervas, que, mais do que um registro do cotidiano, representa a persistência dos saberes ancestrais, cultivados e transmitidos de geração em geração como forma de cuidado, resistência e pertencimento (Figura 7). Em outra legenda, a noção de tempo aparece como um marcador simbólico da diferença: no quilombo, o tempo passa mais devagar, em desacordo com a lógica acelerada da cidade, revelando outra maneira de habitar o mundo, pautada na vivência comunitária, na escuta e na conexão com a terra (Figura 12). Assim, a análise revela como a paisagem quilombola é narrada de forma crítica, estabelecendo um diálogo entre memória, identidade e luta por direitos.

É importante contextualizar que a comunidade enfrenta um desastre ambiental decorrente da instalação de uma indústria química de lubrificantes em seu território. Após decretar falência em 1995, a empresa deixou não apenas pendências trabalhistas, mas também um passivo ambiental que ameaça a saúde da população e o equilíbrio do ambiente. Esse impacto é representado em uma

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

das imagens produzidas pelos moradores, intitulada “Lago de Óleo”, evidenciando a persistência do problema e seus efeitos sobre a comunidade.

Embora diferentes comunidades enfrentem historicamente o racismo ambiental e, consequentemente, desastres ambientais — e que a crise ecológica da humanidade tenha um viés colonial —, existem formas de ser e estar no mundo que resistem ao não-habitar. Essas práticas vão na contramão desse modo de habitar colonial, que carrega consigo uma dupla fratura, ambiental e colonial, fundamentada na exploração dos seres humanos e da natureza nas formas de ocupar a terra (Ferdinand, 2022).

A ideia de que o branco possui fantasias dominantes sobre territorialidade (Kilomba, 2019) sugere que há narrativas e concepções preponderantes criadas e mantidas pelos brancos em relação à ocupação e posse de territórios. Isso pode envolver a legitimação do domínio territorial por meio de narrativas históricas que justificam a colonização, a expansão territorial e/ou a exclusão de grupos raciais específicos de determinadas áreas. Tais fantasias não são meras imaginações, mas discursos e concepções que moldam a forma como o mundo é organizado, influenciando práticas sociais, políticas e econômicas.

Sob o mesmo ponto de vista, Fanon (2022) discorre sobre o mundo compartimentado, mundo das estátuas que representam os conquistadores, o engenheiro que constrói as pontes. Um mundo dividido em dois, as cidades nativas e as cidades europeias na qual os nativos são confinados, o apartheid, a compartimentação do mundo colonial, mundo esse que “a primeira coisa que o nativo aprende é a ficar no seu lugar, a não ultrapassar os limites” (Fanon, 2022, p. 48).

Nesse mundo fragmentado, de fronteiras rigidamente traçadas, evidencia-se a dupla fratura apontada por Ferdinand (2022). A fratura ambiental está relacionada com a ideia fundamentada na dualidade, natureza e cultura, meio ambiente e sociedade, partindo da noção de que o homem está acima da natureza. Já a fratura colonial, separa os humanos e os espaços geográficos, a divisão ocorre entre colonizadores europeus e colonizados não europeus, entre brancos e não brancos, cristãos e não cristãos, senhores e escravos, Norte e Sul.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Essa maneira violenta de habitar a Terra é chamada por Ferdinand (2022) de um habitar colonial. Este habitar recusa a possibilidade de habitá-la na presença de um outro não europeu. Isto é, estabelece fronteiras entre os que habitam e os que não habitam. A isso, o autor chama de um habitar que promove o altericídio, que significa essa negação da presença do outro por ser diferente do branco, por não compartilhar de sua aparência, de suas crenças. Trata-se de um habitar que ocorre por meio de uma subordinação geográfica, da exploração da natureza, na transformação da Terra em fins comerciais, na instituição da propriedade privada da terra, da *plantation*, da exploração massiva dos seres humanos.

Esse habitar colonial, que promove a perda do corpo e da terra, vem sendo desafiado pela reafirmação dos corpos em seus territórios. O aquilombamento representa justamente essa recusa à sujeição das pessoas a uma forma colonial de habitar a Terra. Assim, ao falar sobre a ressignificação do habitar colonial, referimo-nos à transformação da relação colonial não apenas nas interações entre humanos, mas também na relação com a natureza, as paisagens e o território.

O aquilombamento significa o desejo de mundo. São significativas as palavras de Ferdinand (2022, p. 170) ao explicar esses empreendimentos na busca de um mundo, para se desfazer das amarras coloniais. Segundo o autor, os quilombolas empreendem uma fuga com três características importantes: “a matritense de uma terra encontrada; a metamorfose crioula de um eu e de um corpo recuperado; e a ecologia política de uma comunidade humana e não humana a ser preservada.” São ações moldadas a partir de uma ontologia relacional (Escobar, 2015).

Os moradores ressignificam o habitar colonial apropriando-se do espaço de maneira ativa e criativa. Por meio de práticas cotidianas, manifestações culturais e narrativas visuais, eles reafirmam sua identidade e pertencimento, transformando a paisagem em um símbolo de resistência. Dessa forma, a comunidade não apenas sobrevive às imposições externas, mas também constrói novas formas de existir e reivindicar seu território.

Escobar (2005) aponta os diferentes saberes e práticas de gestão/manejo da natureza e a importância das formas subalternas de pensar e das modalidades

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

locais e/ou regionais de configurar o mundo como alternativa ao modelo destrutivo. Conforme o autor, o que existe são modelos de natureza que, desde a colonização, coexistem em maior ou menor grau de subalternização e/ou isolamento. Alguns desses modelos locais de natureza vêm resistindo por séculos e se configuram em estratégias de sobrevivência anticapitalista e ecológicas.

As imagens produzidas pelos moradores evidenciam essas formas de habitar e compreender a natureza, expressando, em seus enquadramentos e legendas, a íntima relação entre território, ancestralidade e modos de vida não hegemônicos. O canteiro de ervas (Figura 7), o campo de futebol (Figura 13), as árvores (Figuras 2, 6, 8 e 10) e a criação de animais (Figura 9 e 12), e os registros do cotidiano escolar das crianças (Figuras 4 e 5) apontam para formas de cuidar da vida e do ambiente que dialogam com outras epistemologias — saberes que resistem ao apagamento e insistem em permanecer, mesmo diante da pressão urbana, da degradação ambiental e da desvalorização histórica.

Nesse sentido, Porto-Gonçalves (2010) complementa essa discussão ao evidenciar a relação entre saberes e territórios. Ele argumenta que os lugares de onde as pessoas falam e vivem possuem uma materialidade que carrega conhecimentos e histórias, os quais são frequentemente ignorados ou silenciados pelo poder dominante. Essa lógica colonial e moderna impõe um único tipo de saber como universal, desconsiderando a geograficidade do conhecimento. Assim, a resistência dos modelos locais de natureza mencionada por Escobar pode ser compreendida também como uma disputa territorial e epistêmica contra a hegemonia do pensamento eurocêntrico.

As narrativas visuais e textuais, mesmo que de forma implícita (algumas nem tanto), questionam o habitar colonial, trazendo perspectivas singulares que contrastam com o padrão normativo. Nessas fotografias e legendas, está a expressão de uma ecologia e ontologia política.

Com Arturo Escobar, enxergamos a existência de múltiplos mundos que transcendem a influência da modernidade e resistem a ela. Que, na verdade, o mundo moderno é um mundo entre muitos mundos e a ontologia política nada mais é do que a busca por mostrar as múltiplas formas de mundificar a vida (Escobar, 2015). Com Malcom Ferdinand, somos convidados a repensar o “habitar”

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

no mundo, especialmente no contexto das consequências do colonialismo e da modernidade (Ferdinand, 2022).

Trata-se de uma ecologia política, pois, mesmo por meio de recortes fotográficos, é possível perceber a maneira singular como a comunidade se relaciona com o meio ambiente, em oposição às práticas de exploração e dominação características da colonialidade. Trata-se também de uma ontologia política, pois essas fotografias expressam uma visão de mundo própria — um outro modo de ser e ocupar a Terra, que integra o território e, portanto, possui valor e significados próprios, distintos das normas impostas pela modernidade/colonialidade.

Agier (2015) contribui para essa discussão ao demonstrar como o fazer-cidade nas periferias e nos assentamentos informais pode ser compreendido como um ato de resistência política e social, onde a luta pelo direito à cidade se entrelaça com a reafirmação dos corpos e territórios, ressignificando o espaço urbano e desafiando as imposições coloniais.

Baseado nessa perspectiva, Nego Bispo, ao relatar sobre as experiências dos quilombos, utiliza a noção de compartilhante. Ele enfatiza que nesses locais, todos são compartilhantes, desde que se tenha uma relação de pertencimento, não só de pertencimento com o quilombo e entre os seus, mas também com o meio ambiente. Segundo ele, diferente de uma sociedade feita por posseiros, as comunidades quilombolas são feitas por pessoas (Bispo dos Santos, 2023).

Por fim, ao registrar o cotidiano da comunidade por meio da fotografia, essas representações se tornam uma janela para compreender as relações entre os indivíduos e o espaço que habitam. Ao observar essas imagens com atenção, sem pressa e permitindo-se envolver por elas, torna-se impossível não perceber que refletem uma visão singular e crítica das interações entre comunidade e território, contrapondo-se à narrativa colonial dominante. Ao trazer à tona experiências e memórias que desafiam as representações hegemônicas das paisagens, essas imagens reafirmam a importância da escrevivência e da fotografia como formas de resistência e descolonização, como forma de produzir outros mundos.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

O que vemos acontecendo por meio da narrativa visual e escrita dessas paisagens é que elas revelam aspectos importantes da relação dos moradores com o território, evidenciando práticas cotidianas, elementos naturais e culturais, além das marcas históricas da resistência quilombola. Essa relação aparece tanto nas imagens que exaltam os saberes tradicionais — como o cultivo de ervas medicinais e quintais — quanto naquelas que denunciam a destruição ambiental provocada pelas estruturas urbanas e industriais vizinhas, bem como uma outra forma de compreender e se relacionar com o espaço/tempo.

A fotografia, nesse contexto, não é apenas um meio técnico de captura da realidade, mas um dispositivo artístico e político que constrói sentidos e reconfigura memórias coletivas. Através das imagens e das legendas elaboradas pelos moradores, o artigo evidencia como a arte pode atuar como um espaço de disputa simbólica, no qual as representações da cidade e do território quilombola rompem com a tradição eurocêntrica e colonial de representação da paisagem. Já a escrevivência aparece como uma prática que dá materialidade às experiências de resistência da comunidade, ressignificando o ato de narrar e registrar.

Considerações finais

A fotografia, quando utilizada de maneira estratégica por e em comunidades marginalizadas, possui o potencial de reconstruir narrativas a partir de uma perspectiva mais justa e plural. Nesse sentido, ela pode se tornar um instrumento poderoso de transformação social e denúncia das desigualdades (González, 2015), além de atuar como uma ferramenta para a recuperação da memória e a resistência política e cultural em contextos de marginalização (Chaves, 2017).

A narrativa visual e a narrativa escrita se complementam na construção de sentidos sobre o espaço e o lugar, funcionando como formas distintas, porém interligadas, de registrar e transmitir experiências. Tuan (2011) ressalta que a paisagem é um arquivo, carregado de marcas das vivências daqueles que a habitam, e tanto a imagem quanto a escrita desempenham um papel fundamental nesse processo. A fotografia, ao capturar elementos significativos de um território, expressa visualmente as percepções dos sujeitos, enquanto a narrativa escrita –

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

como legendas, diários ou relatos – expande e contextualiza essas imagens, atribuindo-lhes camadas adicionais de significado. Quando os moradores de um espaço produzem imagens acompanhadas de textos, criam uma narrativa híbrida que não apenas documenta o ambiente, mas também interpreta e ressignifica suas vivências. Esse diálogo entre o visual e o escrito amplia a compreensão da paisagem, tornando-a mais do que um cenário estático, mas um espaço vivo, permeado por histórias, afetos e memórias coletivas.

A fotografia, enquanto forma de registro, tem o poder de capturar e fixar uma realidade, mas também de transformar e traduzir as percepções subjetivas dos moradores. Ela é, portanto, um elemento fundamental para a construção da memória coletiva e da identidade cultural da comunidade. Quando associada à escrita, a fotografia se torna um meio de comunicação mais completo, pois a legenda elaborada pelos moradores oferece uma explicação subjetiva e pessoal para as imagens, revelando as suas leituras sobre o espaço e suas vivências.

Assim, a combinação entre imagem e texto amplia as possibilidades de interpretação da paisagem quilombola e reforça a importância da escrita na construção do conhecimento local. Nesse contexto, os moradores elaboram uma narrativa que articula elementos visuais e textuais para ressignificar a paisagem quilombola, transformando-a ativamente através da interpretação de suas próprias vivências territoriais. Esse processo converte a paisagem em um espaço dinâmico, atravessado por narrativas, ancestralidade, afetividades e memórias coletivas, consolidando assim a autonomia sobre a representação de seu território e identidade por meio de um habitar outro.

Referências:

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho.** Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotos e palavras: do campo aos livros.** Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia: Arte e Antropologia, 2004.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, n. 3, dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/. Acesso em: 15 de nov. de 2024.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CHAVES, Pablo A. **Fotografía y memoria: Resistencias visuales en las comunidades afrodescendientes e indígenas.** Quito: Editorial Abya Yala, 2017.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, p.133-168, 2005. Disponível em: https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciC3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf. Acesso em: 10 de abr. de 2023.

ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 35, p. 89-100, dez. 2015. Disponível em: https://www.furb.br/_upl/files/ppgdr/Territorios%20de%20diferena.pdf. Acesso em: 12 de jun. de 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós:** reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf. Acesso em: 24 de mar. De 2024.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GONZÁLEZ, Sara E. **La fotografía como forma de resistencia en las comunidades indígenas**. Santiago: Editorial Universitaria, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. **GEOgraphia**, v.*8*, n.16, 2010. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13521. Acesso em: 22 de out. de 2024.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

RODRÍGUEZ, Carlos Luis. **Fotografía y resistencia: Imágenes y luchas en comunidades periféricas.** Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2008.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. Tradução de Werther Holzer. **Geograficidade,** v. 01, n. 01, 2011. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12804. Acesso em: 15 de dez. de 2024.

ZULUAGA, María Teresa. **Imágenes en resistencia: La fotografía como herramienta de narrativas identitarias.** Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2008.

Recebido em: 26/02/2025.
Aceito em: 16/06/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Tainá Silva Candido
Professora no curso de Pedagogia e demais licenciaturas da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Doutora em Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UNESC. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente, Cultura e Sociedade. Atua em pesquisas sobre processos pedagógicos em comunidades tradicionais; pedagogias da cotidianidade; estudos decoloniais; desastres ambientais; contranarrativas e saberes em contextos de resistência cultural; epistemologias contracoloniais, dentre outras.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8441-9233
E-mail: tainacandido@unesc.net

Viviane Kraieski de Assunção
Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) e de cursos de graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Atualmente, é professora visitante na San Diego State University (SDSU), San Diego, Califórnia, EUA. É Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011), e realizou estágio-sanduíche no Institute of Latin American Studies da Columbia University, Nova York, EUA. Possui mestrado em Antropologia Social (2007) e graduação em Jornalismo (2002) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou pós-doutorado em Antropologia na Vrije Universiteit Amsterdam (2012-2013). Foi Sustainability Fellow junto ao Center for Brazilian Studies da San Diego State University, California, EUA, durante o Spring Semester de 2023. É líder do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente, Cultura e Sociedade (GPMACS). Atua em pesquisas, principalmente, nos seguintes temas: desastres ambientais e projetos de desenvolvimento; alimentação, consumo e descarte; ambiente urbano, culturas e práticas socioespaciais. Atualmente, integra dois projetos de pesquisa realizados no sul da Califórnia sobre os efeitos sociais da extração de lítio e as interfaces entre calor extremo e desigualdade social.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0118-2486
E-mail: vka@unesc.net

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

CANDIDO, Tainá; KRAIESKI DE ASSUNÇÃO, Viviane. RESSIGNIFICANDO O HABITAR COLONIAL: PRÁTICAS VISUAIS E NARRATIVAS DE MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHOTINHA, SC. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-25, Outubro, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br